



A ESCOLA DE LACAN

do conceito à prática e as condições de sua efetuação¹

Jorge Forbes

Nos passos de Lacan

Escola de Psicanálise... que Escola? Não é qualquer uma, mas, a de Lacan. Portanto, temos que nos orientar em seus passos conceituais para abordá-la. Pretendo desenvolver, ou ao menos marcar, o progredir desta questão em seus escritos que utilizei neste trabalho e começo com uma palavra sobre cada um.

De início seu texto: *A situação da Psicanálise e a formação do psicanalista em 1956*². Nele, o título destaca a íntima correlação da formação do psicanalista com a própria situação da Psicanálise. Enganam-se os que pensam ser a questão institucional, os problemas dos grupos, sociedades, Escolas, um tema menor ou para aqueles afeitos a política partidária. A questão da escola está diretamente associada à finalidade da análise em sua dupla acepção: objetivo e término. Objetivo por caber a ela a manutenção da Psicanálise no mundo e término por garantir a formação dos analistas.

O artigo de 1956, que foi revisado em 1966 por ocasião da publicação dos Escritos, traz uma dura crítica à formação dos analistas nas instituições filiadas à Associação Psicanalítica Internacional (IPA, em inglês). Compara os chamados “analistas didatas” a beatitudes e chama a atenção que, conforme este modelo, o melhor que se pode alcançar ao final de uma análise é a identificação com o analista; grave deturpação da ética analítica.

¹ Texto publicado em - A Escola de Lacan: A formação do psicanalista e a transmissão da psicanálise, Campinas: Papirus, 1992, p. 9-19.

² J. Lacan, Situation de la psychanalyse et formation du psychanalyste en 1956, in: *Écrits*, Paris, Seuil, 1966.

Em seguida destacaria *O ato de fundação da Escola Freudiana de Paris* (1964)³ que começa pelo famoso “Eu fundo tão sozinho como sempre estive na minha relação com a causa analítica”. É um texto que propõe a realização de uma tarefa e não a consagração de um trabalho realizado. Na seqüência do Ato de fundação virá, três anos depois, a *Proposição de 9 de outubro de 1967*.⁴ Enquanto o “Ato de fundação” é solitário, instituinte, a “Proposição” convida ao debate da maneira de se garantir a formação dos analistas e qual o vínculo social possível entre estes.

Dando um salto de treze anos é relevante notar que na Carta da Dissolução de 1980⁵ ao “Eu dissolvo” responde “eu persevero (persevero)” na sua relação com o inconsciente. A Escola de Lacan, à diferença da IPA, inclui a dissolução como uma cláusula protetora ao mau trato da causa freudiana, à sua reabsorção pelo mercado dos bens simbólicos.

Finalmente, a título de provocação lembro da carta de Lacan em 1981 àqueles que queriam seguir seu trajeto, “que ainda o amavam”⁶, polêmica citação que ao relevar a característica amorosa da transferência obrigou, por seu peso de verdade, uma reformulação aos adeptos dos princípios cínicos da ciência ou céticos da religião.

Feitos esses assinalamentos, passo à primeira das três partes destas reflexões: o conceito de Escola.

O conceito

Por que “Escola?”

Por que Lacan utiliza o termo “escola” e não “sociedade”, palavra já consagrada por Freud? Por uma razão elementar: para se construir uma sociedade tem que haver elementos identificatórios de pertinência grupal; numa sociedade de engenheiros, todos são engenheiros, num exército, todos são soldados, numa sociedade de mulheres... bem, aí já fica complicado, quando foi tentada tiveram que se mutilar; cada uma amputou um seio. As amazonas tiveram que tirar algo para encontrar um elemento identificatório que as agrupasse. Uma sociedade de mulheres é

³ . J.Lacan, Acte de Fondation, 21 juin 1964, in: *Annuaire de l'École de la Cause Freudienne*, Paris, 1982, p. 71.

⁴ . J.Lacan, Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École, in: *Scilicet*, 1, Paris, Seuil, 1968, p.14.

⁵ . J.Lacan, Lettre de Dissolution, in: *Ornicar?* 20/21, Paris, Lyse, 1980, p.9.

⁶ . J.Lacan, Première lettre du Forum 26 janvier 1981, in *Annuaire de l'École de la Cause Freudienne*, Paris, 1982, p. 93.

tão difícil quanto uma sociedade de analistas, examinaremos adiante o porquê, por enquanto deixamos dito: *a intensão do conceito de analista é vazia*.

Lacan não propõe uma sociedade pois ela teria que responder aos princípios freudianos de aglutinação descritos na “Psicologia das Massas”⁷, baseados em dois níveis identificatórios: vertical e horizontal. O vertical é relativo à identificação com o líder que mostra o bom caminho, e o horizontal, com o companheiro, o irmão da empreitada. Tudo funcionaria perfeitamente se não fosse o “Real” do inconsciente que escapa a esta elementar topologia.

Era necessário propor um agrupamento para as pessoas que se dedicam à psicanálise, que fugisse a esse modelo clássico dos grupos que evitam o real forcluindo-o ou mascarando-o. Lacan “inventa” um agrupamento onde o destaque é o que se pode saber e *transmitir* da Psicanálise. O termo *escola* privilegia a relação com o saber enquanto que *sociedade*, o laço entre as pessoas.

Agora que já sabemos por que *escola* e não *sociedade*, temos que avançar no sentido de especificar o tratamento que recebe esse saber em uma escola, à diferença com o que estamos habituados, na instituição que tem sido paradigma de relações dos homens com o saber; a universidade.

Utilizarei as distinções que faz Jacques-Alain Miller em seu texto *O conceito de Escola*⁸ entre escola e universidade. O termo escola remete-nos às grandes Escolas da Grécia, o termo universidade, obrigatoriamente, não nos pode remeter além do ano 1000 d.C., porque antes não havia universidades. A primeira universidade, como sabemos, é a de Bolonha, do final do século XI. A escola é mais antiga, a universidade é mais nova. Na universidade há uma tentativa de que não exista um mestre, enquanto na escola, há um mestre; há Sócrates, há Pitágoras, há Aristóteles. Nós nos referimos às escolas pelos seus mestres, mas, não nos referimos assim às universidades que são reconhecidas por seus lugares: Bolonha, Cambridge, Paris e assim por diante.

Na universidade, o ensino é feito “com licença”, para poder entrar, para poder dar aulas, para transmitir. Na Escola, não existe uma licença possível, da mesma maneira que, para um psicanalista, não existe um

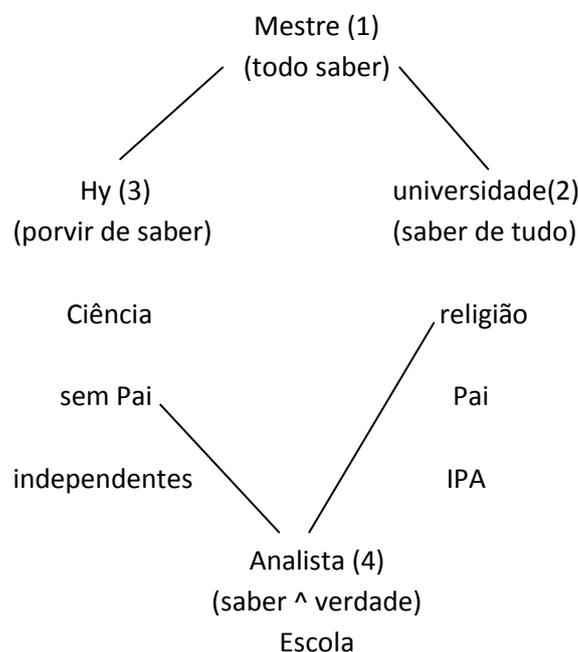
⁷. S.Freud, Psicologia de grupo e a análise do Ego, in: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, vol. XVIII, Rio, Imago, 1976.

⁸. J-A. Miller, El concepto de Escuela, in: *Cuadernillos de Pasador*, Buenos Aires, 1992. (Em português: *Jornal Opção Lacaniana*, 2).

diploma possível. Na universidade, vamos procurar um *know-how*, um saber fazer, uma técnica. A Escola não se preocupa com o *know-how*, não ensina como fazer, mas se preocupa com o *savoir vivre*. Desde os gregos, trata do “saber viver” com o real que nos impacta. A universidade busca a união, o uno, o todo; a Escola dá lugar à diversidade, permite a diversão. Por tudo isso, na Escola, a transmissão é feita com a transferência, enquanto o ideal da universidade – que, embora eles não saibam, nunca funciona – deveria ser a transmissão sem transferência, objetiva, destituída de qualquer derivação subjetiva. A Escola não esconde o sujeito, muito ao contrário, ela nomeia-o, enquanto a universidade uniformiza-o.

Finalmente, última marcação: a universidade é uma realização do MEC – a alusão é evidente – e a Escola é um refúgio ao MEC... ou Mal-Estar na Civilização (não, Ministério da Educação e Cultura).

Proponho o seguinte quadro como orientação das possibilidades de se organizar na problemática do saber e da verdade.



Na posição 1, a do mestre, temos aquele que possui o “todo saber” onde, em consequência, a dúvida está excluída, por conseguinte não há dialética entre saber e verdade.

Na posição 2, a da universidade, o que há um “saber de tudo” o que importa. Segue o modelo religioso descrito por Freud em *Futuro de uma*

*ilusão*⁹, como sendo a neurose obsessiva da sociedade. O mestre perdido é representado, substituído, por um pai em torno do qual se agrupam os crentes ou os soldados, uma vez que este também é o modelo do exército ou, por que não dizer, os analistas das associações vinculadas à IPA. Parece para Lacan que ao tentar proteger sua criação – a psicanálise – Freud imaginou fazê-la gerando uma instituição conforme este modelo. Formidável engano.

Nessa referência ao pai que tem o saber que importa, o que podemos esperar é que a direção de uma análise tenda ao ideal marcado por ele, o que determinará, em conseqüência, o término da análise pela identificação ao analista. Talvez pudéssemos chamar de cética essa posição, pois, ao ver que é impossível levar o saber, à associação livre, até a verdade do sujeito, o que restaria a fazer seria se identificar com aquele que parece ao analisando “maduro” em sua maneira de suportar a desilusão de alcançar a verdade: o seu analista.

Na posição 3, da histeria, em vez de haver um “saber de tudo”, o que encontramos é um “porvir de saber”. É exemplar o texto de Freud – *O tabu da virgindade*¹⁰ – em sua descrição da histérica que aguarda “um pai” que virá finalmente lhe desvendar o segredo de seu gozo.

Deste lado não há pai, não há família; é a vertente dos independentes. Talvez, seguindo o raciocínio há pouco formulado, poderíamos dizer que nesta orientação quem podemos encontrar é o cínico, aquele que desdenha qualquer possibilidade de grupo, que ridiculariza todo saber ao isolar, como o único ato verdadeiro, a masturbação, o gozo do um. Direções de uma análise nessa perspectiva são possíveis para aqueles que acreditam que o final da análise é a dissolução da transferência, a ciência pura. Miller nomeia esse efeito de “histeria pós-analítica”.

Na posição 4, colocaria a Escola de Lacan como aquela que pretende pensar possível uma outra saída para o problema da dialética do saber e da verdade; nem cética nem cínica.

Deve ser a Escola capaz de recolher o relato daqueles que conseguem realizar em suas análises a almejada alteração de suas relações habituais com o gozo. Que se mostrem capazes de incluir na

⁹ . S. Freud, O futuro de uma ilusão, in: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, vol. XXI, Rio, Imago, 1974.

¹⁰ . S. Freud, O tabu da virgindade, in: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, vol. XI, Rio, Imago, 1970.

conta de sua história o Real, o vazio de saber que convida à invenção de um significante novo, para que as escolhas tenham lógica. A esse exercício de análise desses relatos, Lacan chamou de “passe”. Não há Escola sem passe, pois é ali que se podem garantir os analistas de sua formação.

Não entram na Escola de Lacan os que pensam que o final da análise é o final da transferência. Não se trata de dissolver a transferência mas de transformá-la de análise, de trabalho da transferência, própria ao percurso clínico, em transferência de trabalho, própria ao passar adiante, transferir, o impacto criativo do real. Esse movimento do trabalho de transferência à transferência de trabalho é concomitante à modificação do amor de saber em desejo de saber.

Em um primeiro momento de toda análise vemos o analisando buscar a reciprocidade, o entendimento, a compreensão, marcas registradas do amor de saber.

Se bem conduzida, escapando às armadilhas cínicas ou cétricas já referidas, ele haverá de reconhecer o absoluto e rigoroso mal-estar na civilização, o que lhe forçará, ante o impossível de todo dizer, ante o que Freud chamou de castração, inventar onde nada foi dado, construir onde nada foi interpretado, com o objetivo de fazer que o “não sabido se ordene como o quadro do saber” conforme o desenvolvimento de Lacan na “Proposição”, quando relaciona o número transfinito de Cantor, o Aleph zero, com o objeto a . para cada qual, passando por uma análise, deverá surgir além do sentido do pai, um novo ponto, transfinito, desde aonde contar sua vida.¹¹

A prática

Destacarei sobre a prática da Escola três pontos elementares: a entrada, a forma de trabalhar e a produção.

1. *A entrada* – Entra-se numa escola, nos moldes de Lacan, pessoa por pessoa, um a um, dada a preservação das particularidades que se almeja, apostando na possibilidade de uma comunidade singular. A expressão que os lacanianos popularizam: “trabalhadores decididos na transferência de trabalho”, que se encontra originalmente no final do “Ato de fundação” e na “Nota Anexa nº 7” não diz respeito a uma palavra de ordem de movimento estudantil, mas ao trabalho incansável e criativo de “não ceder em seu desejo”; em um “navegar é preciso”.

¹¹ . Jacques-Alain Miller desenvolve este aspecto em seu texto: “Vers un signifiant nouveau”, publicado na revista da *Escola da causa Freudiana*, 20, Paris, fevereiro 1992.

Se cotejarmos com a IPA, diria que a entrada na Escola de Lacan é ética, enquanto na IPA é moral, uma vez que esta possui padrões bem estabelecidos do que se espera de seu candidato, que a *priori* será um analista. Não deixa de ser interessante examinar a sua lista de exigências.

Não se entra em grupo na Escola de Lacan, embora ela seja uma conseqüência lógica para todos que seguem seu ensino. Isso porque, embora haja este universal – “para todos” –, a opção, sua razão e seu momento são particulares, e, se digo opção, quando ao mesmo tempo falei em universal, é que há um incompleto nesse “para todos”, sempre faltando alguém na escola, em nosso caso, possivelmente, Lacan. Arriscaria dizer que entramos na Escola quando desistimos de ser Lacan.

2. *O trabalho* – A unidade básica do trabalho em uma Escola é o cartel. Quatro pessoas mais uma reúnem-se pelo tempo necessário da realização de uma tarefa, que deve ser individual e, isto feito, se separam. Bastante engenhosa é a invenção, por Lacan, desta figura que anima o trabalho: o “mais um”. Ele pode ser qualquer pessoa mas tem que ser alguém capaz de, nesse tempo de existência do cartel, contar-se como um pai. É um artefato para que os trabalhos possam se realizar. Ele – o mais um – esclarece por sua função o que Lacan quer dizer com: “só se pode ir além do pai com a condição de saber servir-se dele”.

O “mais um” resolve dois problemas: por um lado relativiza o lugar do pai, tão concretizado nas sociedades de modelo religioso anteriormente referidas, e, por outro lado, responde aos que se querem independentes, sem qualquer pai, os que caem no cinismo. Aqueles que se querem desamarrados de toda associação arriscam-se “na obscenidade do grupo que se desconhece”, diz Lacan.

Não se restringe a forma de trabalho na escola aos cartéis que são sua base; a eles somam-se os mais diversos tipos de transmissão e interlocução, sempre que não se fira a uma regra fundamental: em uma Escola cada um ensina ao seu próprio risco.

3. *A produção* – A ambição de uma escola é grande: fazer avançar a Psicanálise mantendo-a viva e operante no confronto, em especial, com o discurso da ciência e o da religião e habilitar os operadores que possam fazê-lo; garantir sua formação.

Temos então como produto: a Psicanálise, os psicanalistas e as relações entre eles.

Vou me ocupar, neste item sobre a produção da Escola, da chamada “garantia do analista”.

Já é por demais conhecida a desregulação lacaniana sobre a hierarquia habitual das instituições: o mais sabido sobre o menos, o mais velho sobre o mais moço, o mais experiente etc. Lacan desregula pondo de um lado o AME (Analista Membro da Escola), a quem a escola reconhece o *fazer* analítico; reconhece-o em sua *função* de analista e, de outro lado, estabelece uma nova categoria: o AE (Analista da Escola) aquele que é reconhecido em *ser* analista, em ter dado provas de possuir o “desejo do analista”.

E, como se já não fora bastante, o princípio do “analista se autoriza por si mesmo” continua válido.

O AME é um título recebido, o AE, solicitado. Confirma-se um AME pelo conjunto de suas produções: análises, trabalhos, escritos. Um AE define-se pelo passe.

A desregulação consiste em que não há um mais importante. Utilizemos o jogo do pôquer para ilustrar.

No pôquer o maior jogo, a maior mão, é a sequência máxima, de 10 a ás de ouro, chamada de *Royal-Straight-Flush*. *Não há nenhuma outra combinação que lhe seja maior. Assim sendo, os parceiros, ao se sentarem à mesa de jogo, para que ninguém tenha a certeza absoluta de ser o vencedor de uma parada, caso seja o feliz possuidor de um Royal-Straight-Flush, normalmente combinam que esta mão, embora ganhe de todas, deverá perder de uma, justamente a menor, aquela que perde para todos os outros jogos salvo, justamente, para o maior, trata-se do par de sete.*

A *desierarquização* lacaniana tem a inteligência do pôquer. Não são mais necessários muitos anos de poltrona, antecédidos, é claro, por outros de divã, para que alguém se prove analista. Com o passe, a Psicanálise começa a ter um dispositivo de saber quem é o analista antes mesmo e até independentemente do exercício da função, como assim também é, neste prisma, um médico, um advogado etc.

A engenhosidade do passe merece um breve comentário; também em sua realização Lacan subverte a ordem habitual. Tomemos o modelo universitário como diferença. Na universidade, alguém que se quer reconhecer num mestrado ou doutorado tem um orientador que lhe é

mais graduado e, ao final de um tempo de preparação, apresenta-se a uma banca superiora para julgamento.

No passe, o chamado “passante”, aquele que diz ter passado por um final de análise, relata sua experiência a dois “passadores” que são analisados em momentos anteriores ao final da análise, que estão vivendo estes momentos anteriores ao final da análise, que estão vivendo estes momentos *desarvoradores*, como os adjetiva Lacan em sua *Ética*¹². É o oposto da maneira universitária.

O que se almeja é que tal como na vida, em momentos especialmente difíceis, embaraçosos, de perda, de luto, quem está vivendo essas emoções busca falar com alguém dizendo: “você que já passou por isso, que já perdeu alguém, ou viveu tal problema, ajude-me!”, a idéia é então, repito, que essas pessoas, os passadores, esteja, em um momento propício de saber reconhecer quem “já passou por isso” e de prová-lo ao cartel do passe, que acolhe o duplo relato.

Terá realizado o passe aquele que soube fazer de sua vida anterior, passado, e do trágico do desarvoramento, o cômico. Assim, a sua análise terá se revelado didática, pois a análise é que é didática, não o analista.

Condições de sua efetuação

Entendo que no Brasil de hoje (1992), doze anos já contados de efetivo trabalho do Campo Freudiano, através das varias instituições que compõem a sua rede, temos condições de criar uma Escola Brasileira do Campo Freudiano e, amanhã, darmos mais um passo, estabelecermos os “institutos de pesquisa” na dialética do trabalho da Escola. Almejamos o balanceamento do saber-suposto, da Escola, com o saber-exposto, dos institutos. Neste projeto, muito do que representou os trabalhos das instituições anteriores à Escola, deverá, ao ser readaptado, contribuir aos novos avanços.

Mas, não é sobre esta circunstância que gostaria de me ater neste último item, ao tratar das condições da efetuação, da realização de uma Escola; o que gostaria de destacar é algo muito simples e específico: a citação, o fato de que sempre em nossos trabalhos, conversas, análises, citamos. E vou abordar este tema não como Lacan o faz em seu seminário do “Averso da Psicanálise”¹³ ao tratar da interpretação mas, ainda mais

¹². J.Lacan, L’ethique de La psychanalyse, *Le Séminaire livre VII*, Paris, Seuil, 1986, p.351.

¹³. J.lacan, L’envers de La psychanalyse, *Le Séminaire livre XVII*, paris, Seuil, 1991, p.40.

aquém, mais elementar: a citação tem a ver com os colegas, em confiar no outro, em exercer, por que não dizê-lo? – A transferência.

Dividiria em quatro, as maneiras possíveis de forma de citar:

- 1) Citar de mais – discurso universitário.
- 2) Citar de menos (ou enviesado) – discurso histórico.
- 3) Não citar (inventar) – discurso do mestre.
- 4) Citar com justeza (induzir, transferir) – discurso analítico.

No citar de mais, vemos o que se chama em semiótica: camuflagem subjetivamente, presente, por vezes, no discurso universitário. Nada foi pensado ou dito pelo autor, que se restringe a tecer uma colcha, muitas vezes de retalhos, entre falas de autores consagrados ou, pior, utilizando linguagem cifrada de alto valor imaginário, no nosso caso, o lacanês.

No citar de menos do discurso histórico, encontramos os envergonhados da transferência, que, não querendo revelar a fonte, ou a esquece ou cita diretamente o que aprendeu indiretamente. Podemos dizer que o “inconsciente estruturado como uma linguagem” está em Freud mas, se não tivesse sido Lacan para mostrá-lo, talvez ainda estaríamos em outra clínica.

No caso dos que não citam, encontramos mestres que entendem o aforismo freudo-lacanian de “reinventar a Psicanálise” a cada momento, como “inventar a Psicanálise”. A consequência é, obviamente, catastrófica, ao menos para a Psicanálise.

Finalmente, citar com justeza, entendo que seja próprio ao discurso analítico. Sua operação é de transferir, induzir o outro ao trabalho.

Desta maneira é que entendo ser possível efetivar uma escola; se houver colegas decididos na transferência de trabalho.

Cito Lacan no final de sua carta ao Senhor A, em 18 de março de 1980, como melhor exemplo: “Eu jamais pretendi superar Freud, como me acusa um de meus correspondentes, mas sim prolongá-lo.”¹⁴

Uma história para concluir

Dois árabes seguiam no mesmo camelo a caminho de Bagdá quando em um antigo caravançará encontram três homens que discutem

¹⁴ . J.Lacan, Monsieur A, in: *Ornicar? 20/21*, Paris, Lyse, 1980, p.20.

raivosamente¹⁵. Aproximam-se e tomam conhecimento que o motivo da disputa era a divisão entre os três, que eram irmãos, de 35 camelos que o pai, recentemente falecido, lhes havia deixado como herança.

Assim é um analista, um camelo a mais, que só entra na história para poder contar.

¹⁵ Este conto tem várias versões, com números um pouco diferentes, dezessete, por exemplo, que faz sobrar só um camelo. A história em que me apoiei por achar melhor, pois faz sobrar um camelo a mais, o emprestado e mais um, é contada por Malba Tahan em *O homem que calculava*, São Paulo, Círculo do Livro, 1983.